VOU TE CONTAR

COISAS DE CÁ E COISAS DE LÁ

JOHN GOES

ATENÇÃO : O conteúdo encontrado neste livro não foi baseado em occorências reais.
Proibida a reprodução total ou parcial deste livro sem a autorização expressa do autor.
Todos os direitos reservados.

Uma coletânea de contos, a maioria tragicômica , escritos em português, com humor e ironia, por um Holandês. Além do Brasil o leitor é levado a diversos países tais como Portugal, Espanha, Holanda, Finlândia, Hong-Kong e Austrália.

Quem já leu um destes contos, comentou:

O texto está divino!! Maravilhoso de verdade, ri demais ao ler cada linha dele. Neste texto você se superou!
Marcia Curvo

John, hahahahahhaa. Você é sempre muito divertido e vê as coisas por um angulo muito bem humorado !! Mais uma vez você dá um show nos seus textos. Susana

Ahahahahah....muito engraçado... Estou imaginando a cena deste diálogo!! Muito bacana seu texto. Verônica

Adorei sua estória, é bem realista e engraçada. Todos seus textos são ótimos sempre me divirto com eles. rsrsrs
Marta Silveira

É engraçado demais! Já ouvi comentários semelhantes de muitos brasileiros em visita à Portugal! Marcia Davies

Muito bom! Estou rindo até agora, uma graça o seu texto!
Mariana

A sua história é sensacional, muito boa! Eliana

Super!! Demais!Texto maravilhoso. Parabéns Naldy

Parabéns! Sua história é simples, mas muito gostosa, faz o nosso jeitinho brasileiro, sempre se dar um jeitinho p/ se sorrir mesmo das grandes dificuldades, p/ você eu tiro o chapéu, Claudia

John, Já estou sua fã! Li, reli e vou ler mais vezes. Como você consegue retratar bem o tragicômico das relações 'humanas, bi-culturais e intercontinentais'! Palmas para sua criatividade e talento.
Arnild Van de Velde

Muito Legal mesmo a História!!Verdadeira ou não me fez viajar lá para a Finlândia hihihihi. Abraços. Mariana

Uma delícia de ler!!! Queremos maisssssssssssssssssss!!! Teresa

Nota 10. O texto mostra uma realidade por meio de conto engraçado, mas que e verdadeiro! Tarik

Adorei.Muito boa, criativa e de tão desesperadora que é a situação que chega a ser engraçada..Rebelde

INDEX Pagina

O Tonico.....5
O Motorista Baiano.....8
Hong Kong.....11
Pois, pois..... 14
Eu amo a minha mãe..... 17
O Livro de Reclamações..... 20
O corpo na piscina.....23
Global Orgasm Day..... 25
Clube de Inglês.....30
O Mouro e a Sueca..... 36
A descoberta da Austrália..... 39
Garota de Ipanema.....44
Gastronomia na Espanha..... 47
Sabores deste Mundo.....51
Bebês.....53
Boi de Cara Preta 55
Presunto..... 58
Qigong 60
A Barata 65
Acorda Maria Bonita *70*
A nova vizinha 72
Pneu furado *75*
Presente do Céu 78
O Noivo Finlandês *83*
Vaquejada 87
Jesabela..... 91
Aula de Holandês 93
O nascer de um amor *95*
Pescoços..... *100*
O noivo finlandês II..... 102
Passarinhos 109
Clube 10.000 ..... *111*
Festa de despedida..... *115*
Austrália 1 2 3 ..... *117*

O Tonico

Sou o pai do Tonico. O meu Tonico está me dando problemas. Vive batendo na irmãzinha, coitada. Eu não posso com violência, muito menos na minha casa. Aqui no lar quero mais é paz e amor.
Foi o que eu disse à minha esposa quando ela veio dizer que o Tonico tinha a quem puxar e que este 'quem' era o meu irmão Umberto.
Porra, o meu irmão Umberto não, homem dos mais pacíficos que conheço, desde que não se metem com ele. Meteu, apanhou, como bem sabe a linguaruda da mulher dele. Umberto é como eu, desde que ninguém se mete, tudo bem, somos da paz. Foi o que eu disse à minha mulher quando tive que tascar um safanão nela por causa desta implicação com o meu irmão.
Alias tive que lembrar a ela que o tal tio vigarista dela, que morreu crivado de balas no Acre, não era nenhuma flor que se cheira. Expliquei que se não fossemos dar umas boas porradas no Tonico de vez em quando era bem capaz dele acabar do mesmo jeito.
Mulher teimosa que nem uma égua disse que não era assim que se criava uma criança.
- Então não foi assim que o meu pai me criou? - disse eu.
- Eu por acaso sou capaz de levantar a mão para quem quer que seja? Oh, mulher!
Deu-me uma vontade de dar-lhe uma bofetada, mas me controlei e só dei um empurrão e disse:
- Vamos conversar com calma e analisar o problema. Eu por mim acho que o garoto tem autismo e precisa de ajuda profissional e uma boa surra de vez em quando. O que você diz, mulher?
- Eu digo que ele puxou o seu irmão Umberto e que não vai ter jeito se for criado na base de pancadaria.
Já viu como a cabra é teimosa? Só porque nunca apanha como deve ser, fica abusando, já viu? Aí o pau teve que comer.
Respeito é tudo. Logo quando estava dando uma lição de moral a ela, me aparece a minha filhotinha, chorando também. Parei imediatamente e perguntei:
– O que foi filhinha?
– O Tônico roubou o meu saco de pipoca.
-- Não é possível. Esse menino vai ver uma coisa. Tolero tudo

menos ladrão e vigarista. Você quer um pirolito? Tome. Me chame o seu irmão que quero ter uma conversa com ele. Já que estou com a mão na massa, mande ele vir falar comigo.
Igual como o meu pai fazia antigamente, tirei o cinto da minha calça e estreei umas chicotadas numa cadeira. O barulho soava tal e qual. Quem veio era novamente a minha filhinha, agora aos altos berros:

- Paié, o Tonico disse que não vem, roubou agora o meu pirulito e por cima ainda pisou no meu pé.

Fiquei doido. Tolero tudo menos ladrão, vigarista, menino desobediente e moleque que pisa no pé da minha filha.

– Não chore filha. Vou já tratar disso. Voce quer um picolé, quer? Então tome.

Gritei pela casa:

- Tonico vem cá!! Tonicooooooooooooo!

Lá veio o garoto todo medroso e querendo chorar antes da hora. Me doei alma, o rapaz parecia um medricas, nada de homem enfrentando o devido castigo.

– O que foi isso com a sua irmã?
– Foi ela que começou.
– Começou o que?
– De roubar as coisas.
– Que coisas?
– O contole remoto da televisão.
– É o contrrrole. Para que ela quis o contrrole?
– Ela queria ver desenho e eu elefantes.
– Por que não deixava ela ver desenhos? Porque você tem que ser sempre tão egoísta e quer que só a sua vontade seja feita?
- Por que eu queria ver os elefantes.
- Por que?
- Porque os elefantes estavam namorando duma maneira esquisita.
- Esquisita, como assim?
- Um elefante subia por cima do outro.
- Quer dizer 'outra'.
- Não sei se era outra, talvez era o irmão ou um amigo dele, eu sei lá!
- Nem pense numa coisa dessa, meu filho! Isto é contra a natureza. Quando são elefantes, quem sobe é o macho e quem fica por baixo é a fêmea.

- Ah, é?
- Ah, é, o que? Não estava vendo na televisão?
- Como é que vou aprender essas coisas se sempre tenho que ver desenhos?
- Chame aí a sua irmãzinha.

- O que foi paizinho?
- Olhe quando o seu irmão quer ver elefantes, deixa ele ver e você vem para cá e vai ganhar um picolé, tá bom?

Veio aí a minha mulher:

- É assim que cria, é? Mimando a menina? Fazendo vontade do menino?
- É, fiquei preocupado. Tem 5 anos e ainda não sabe das coisas. Se não tomar medidas agora, é capaz de ficar que nem o seu primo Armando, aquele maricas.

O Motorista Baiano.

Era simpático, muito simpático o motorista de táxi que nos trouxe do aeroporto de Salvador até o nosso hotel em Itapuã.
Vimos para matar a saudade da terra, cheia de felicidade, onde o Senhor do Bomfim, há tempos, tinha arranjado uma morena para mim.
Logo quando identificou que vimos de Portugal, nos confiou que o pai dele também era Português e que o maior sonho dele era, antes de morrer, visitar Lisboa um dia, ouvir fado e comer bacalhau com natas num restaurante com vista sobre o Rio Tejo.
Não é de estranhar paternidades portugueses no Brasil mas no caso dele causou surpresa já que o nosso motorista era Baiano da Gema mesmo, quer dizer um negão daqueles mais parecido com o Jonas Savimbi, guerrilheiro de Angola, do que com o José Socrates, Primeiro-Ministro de Portugal.
Mas tudo é possível e as leis da genética de Mendel explicam.
Esbanjou tanta simpatia e carinho por Portugal por cima de nós, que instintivamente ficamos calados para não estragar o seu entusiasmo. Dizer que afinal eu era Holandês e a minha esposa era Brasileira faria esfriar aquele calor humano com o qual o homem nos envolvia.
Chegado ao hotel, cumprimos o nosso papel de Português para Português e demos uma boa gorjeta, assim contribuindo para a sua viajem a Lisboa. Fazia questão então de dar nós o seu cartão e que estava às ordens para o que desse e viesse no caso de precisarmos dos seus serviços. Chamava-se Luis.
Foi providencial ter o seu cartão já que no dia seguinte precisávamos mesmo de um táxi para voltar de um acolhedor restaurante onde tínhamos ido a pé mas na hora de voltar começou a chover.
Por acaso já no fim do jantar, conversamos com um casal, ele Italiano de meia-idade e ela 'da terra'. Alias o restaurante, 'de requinte', tanto em ambiente e preços, estava cheio de Italianos com as 'da terra'. Desta vez, em vez de ser tratado por Português, os garçons, que até já falavam um bocado de Italiano, me trataram por Italiano e o que mais ouvi era 'prego' para lá e 'gracie' para cá.
O Italiano, na mesa de lado, um homem expansivo, foi quem puxou a conversa. Me disse qualquer coisa em Italiano e respondi

em Italiano perfeito" Sorry, io non parlo Italiano."
A conversa seguiu em Inglês, tipo ligeiro: de onde eu era e quanto tempo ia ficar e que linda mulher que arranjei.
Ela, a 'do Italiano e da Terra', aproveitou para especular a minha esposa. Quis ela saber se a minha esposa era nova por aí. Era sim. Como é que arranjou um cara como eu, parecia cheia de grana.
" É um pau-duro muito grande", confidenciava a minha.
" Não tem cara'," disse a outra.
" Não tem, mas é', disse a minha, " É Holandês".
" Ah, que azar, hein? Holandês é sovino mesmo," disse a baiana.
" Eu é que sei, sou casado com ele já uns bons tempos". Ficou a baiana logo avisado, que pau-duro ou não, já tinha dona.
" Logo vi que você é uma mulher de sorte. Olhe," dirigiu–se ao Italiano: 'Sono marito e molhie' ou algo assim.
Foi dito num tom como se fosse uma boa idéia, porque ninguém tinha pensado antes numa possibilidade dessas?
Disse de novo ' É vero, marito e molhie' agora num tom de 'Não se manque, não é? Me peça em casamento, vê lá o que vou dizer.'
Não sei se chegou a este ponto que já tínhamos pago a conta e dado o cartão do Luis para o garçom telefonar para ele vir buscar a gente por causa da chuva. O Luis apareceu em pouco tempo e entrou no restaurante procurando por nos. Vendo ele, disse me o Italiano:
"Ah, é o Luígi. Conheço. Me apanhou no aeroporto. Molto simpático ele. Me apresentou à mãe dele. Uma simpatia ela também. Alem de ser mãe do Luigi, ela também é, o que chamam aqui 'mãe-de-santo'. Ela logo quando me viu, sabia que eu sofria de um mau olhar da minha ex-mulher. Era por isso que nunca mais arranjava mulher na minha vida. A mãe de Luigi fez lá uns rituais e imediatamente me senti outro. Não é que o Luigi em seguida me apresentou à sua vizinha e logo fez um clique entre a gente? É ela mesma que está comigo na minha mesa agora."

Verdade seja dito: a vizinha do Luis era um belo 'pedazzo' de mulher e para Italiano nenhum botar defeito.
"Ma que cosa!" disse eu , É mesmo vero?
"Verissimo."
"Só mesmo na Bahia de todos os Santos e as mães deles. É raro

darmos com motoristas tão simpáticos e ainda com as suas vizinhas 'a dare la minestrone'.* Profissionais assim merecem toda a nossa consideração e uma boa gorjeta."

"E não dei? Ainda por cima: sabe que o pai dele era italiano? Quem diria, hein? Antes de morrer o Luigi quer conhecer Roma, ver o Santo Padre, jogar uma moeda na Fontana di Trevi e comer uma bela macaronada num ristorante na Piazza Navone. É un buon ragazzo. Merece mesmo uma boa gorjeta."

*minestrone = sopa

Bahia, Março 2006

Uma visita a Hong Kong

Para chegar em estilo, eu tinha reservado, já na Europa, um "hotel-car", um táxi limusine, que me levaria ao meu hotel de 5 estrelas, aonde, para combater a fusão horária, ia passar um tempo até as altas horas da noite no bar do hotel, bebericando e ouvindo, e logicamente aplaudindo, o conjunto de música com umas lindas cantoras Filipinas. Isto, obviamente, depois de ter jantado primeiro num bom restaurante chinês.
Decepção. No desembarque não havia ninguém à saída do aeroporto, segurando um cartaz com o meu nome, nem havia em canto nenhum qualquer indicação aonde os "hotel-cars" esperavam por seus clientes.
O aeroporto, muito novo e muito moderno, exibia todo tipo de outros cartazes. Havia cartazes avisando que quem fumava seria multado em 5000 Hong Kong dólares. Quem angariava clientes para qualquer tipo de negócio podia esperar por uma multa do mesmo valor. Estava escrito em Chinês. Eu sabia o que estava lá escrito, por que por de baixo estava em Inglês.
Não encontrei o "hotel-car" encomendado por mim junto à reserva do quarto no hotel, pela bagatela de 400 HK dólares. 400 Só para o carro, o quarto era o triplo.
Pondo o pé no calçadão fora do edifico do aeroporto para dar um chute numa lata de lixo para ventilar a minha raiva por não ter ninguém à minha espera e para fumar um cigarro para levantar o nível de nicotina no meu sangue, fui aproximado por um angariador que me ofereceu uma limusine por somente 380 HK dólares.
Essa limusine era afinal um táxi comum mas me fez chegar ao meu hotel.
Na recepção mostrei o documento da minha reserva para "um quarto e um hotel-car no aeroporto"
Reclamava eu:
" Está vendo, aqui: diz: hotel-car no aeroporto! Não havia nenhum carro esperando por mim!"
" Está celto, senhol. O senhol tem passapolte?
" Está aqui. Agora o que me diz sobre a limusine?"
" Está celto, senhol."
" Está certo uma ova. Como havia nenhum carro, não vai me cobrar por um e por na minha conta, vai?"
" Está celto senhol, aqui chave do qualto, senhol."

" Obrigado. Agora sobre o tuuut- tuuut que devia estar à minha espera no aeroporto? Não tuuuuut-tuuuuuut no aeroporto".
" Está celto, senhol. Benvindo, senhol.
" Tá bem, deixe. Amanha de manha trato disso. Quero sair agora e comer Chinês."
" Está celto, senhol. Tenha agladavel tempo em Hong Kong."

Após um banho rápido de chuveiro e uma troca de roupa, eu estava pronto para me aventurar num restaurante para comer Chinês na China. A um quarteirão do hotel encontrei um restaurante razoavelmente cheio e aonde não vi nenhum rosto europeu. Devia ser bem local, bem típico. Em Roma faz como os Romanos, na China come aonde os Chineses comem. Entrei e fui mostrado uma mesa. Sentei e imediatamente verterem chá numa xícara.
Gosto de coisas típicas mas não tanto. Empurrei o chá para o lado e disse " Blama". Não me entenderam. Disse "Callsbelg" e me entenderam imediatamente e portanto trouxeram a cerveja imediatamente. Obter a ementa também não foi nenhum problema. Problema foi conseguir lê-la. Tudo estava escrito em Chinês, sem Inglês por de baixo como no aeroporto. Somente os preços estavam em números que consegui decifrar. Isto não ia me derrubar. Apontei para algo no meio da ementa. Calculei que assim evitava comer qualquer coisa baratíssima no fundo da lista, como:
'Gato criado na nossa própria lata de lixo'
Ou então o contrario, como barbatana de tubarão, do topo da lista e a um preço de pó de ouro.

Funcionou a minha maneira de escolher. Logo, logo chegou um prato pouco comum e escaldante, o que me parecia ser: um mexido frito de merda de tartaruga. Faltavam só os talheres. O garçom apontava para uns palitos grossos mas eu consegui fazer entender que só usava estes depois do jantar em caso de não darem fio dental aos seus clientes. Prossegui desenhando um garfo e uma faca num papel. Trouxeram-me em tempo devido e com um grande sorriso para compensar a demora de 20 minutos, que precisavam para tirar o patente do meu desenho e produzir estas ferramentas numa fabrica clandestina, existente no porão, lado ao lado dum laboratório da Al-Queda, onde fabricam e